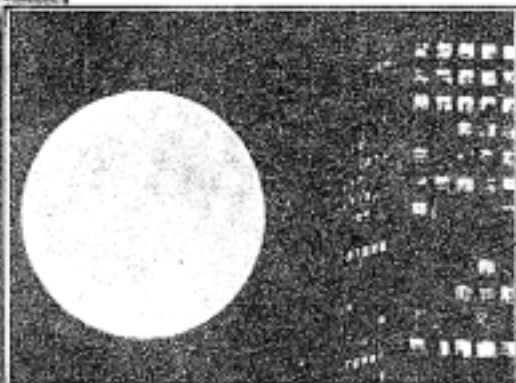


Divirta-se

8ª MOSTRA DE CINEMA



Um trabalho que levou sete anos para se transformar numa obra estranha e bela. Será apresentado hoje, no Metrôpole, às 18 horas e à meia-noite.

Koyaanisqatsi. Um nome impronunciável para uma obra no mínimo fascinante.

Outro cult-movie na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, desta vez um filme norte-americano de nome impronunciável: **Koyaanisqatsi**, feito por Godfrey Reggio e distribuído nos Estados Unidos por Francis Ford Coppola. Às 18h e meia-noite no Metrôpole.

A maneira mais fácil de lidar com o filme é dizer o que ele não é: uma obra de ficção. Mas, tampouco é um documentário tradicional. Não tem narração ou diálogos. Seria quase como uma ilustração de uma tese. Num dialeto, a palavra Koyaanisqatsi significa: "a vida desequilibrada". É isso que o filme tenta mostrar através de um audiovisual de uma hora e 27 minutos.

O filme teve uma produção complicada. Começou a ser rodado em 1973, financiado pelo Instituto de Educação Regional, um órgão destinado a estudar as populações do Sudoeste americano. Os dois criadores básicos do filme foram o diretor Reggio e o

fotógrafo Ron Fricke. A princípio, não existia uma idéia básica. Foram registrando imagens que lhes pareceram fora do comum. Houve um momento em que pensaram em fazer um documentário mostrando como a tecnologia destruiu o mundo mas desistiram disso porque achavam que parecia por demais um projeto de estudantes. (Só uma cena sobrou no filme dessa fase, os televisores explodindo.)

Foi somente no sétimo ano de produção que o filme foi tomando forma e ganhou o título, na verdade parte de uma sugestão que foi colocada em uma caixa que fazia parte de um concurso para "dar um nome ao filme". Mesmo depois de sua estréia no Festival de Telluride, o filme ainda foi retocado até a estréia para seis mil pessoas no Radio City Music Hall, promovida por Coppola.

Nada disso teria acontecido se **Koyaanisqatsi** não fosse um belíssimo espetáculo.

Há imagens realmente inesquecíveis. No esquema do filme, primeiro mostra-se o mundo sem o homem, a natureza intocada dos Grand Canyons, das nuvens passando. Depois, com o homem, vem o caos, a confusão das grandes cidades. Há apenas uma imagem feita com efeito especial — a superposição — na cena da lua passando pelo prédio. O segredo das outras imagens é mostrar as coisas de uma forma que nunca podemos ver como a imagem acelerada dos carros nas ruas, com as luzes brilhando na noite. E principalmente com o efeito da música de Philip Glass, onipresente, pacífica no começo, angustiante ao final. Um filme muito especial, essa é uma forma até discreta de definir a fita. "Uma viagem" seria outra. Um espetáculo fascinante que será um grande sucesso na Mostra é uma previsão muito fácil de fazer.

Rubens Ewald Filho